



## Uma re-visita e uma re-memória dos encontros com Brandão e a Antropologia: o que vivi, sou e busco permanecer

### A re-visit and a re-memory of meetings with Brandão and Anthropology: what I experienced, who I am and who I aim to remain

Angela Fagna Gomes de Souza\* 

#### Resumo

Esta proposta tem a intenção de resgatar memórias, re-visitar tempos outros, momentos de descobertas, mergulhos e novas paragens onde, como geógrafa de formação, assentei-me na Antropologia de uma forma, a princípio despretensiosa, mas que foi ao longo dos anos tornando-se meu sustentáculo. Me vi envolvida em nuances, até então desconhecidas, que me instigaram a mergulhar, cada vez mais e de forma mais profunda, neste universo. Foi com o professor Carlos Rodrigues Brandão e adentrando no universo da Antropologia que compreendi que a essência e a vivência da pesquisa estão na forma como a conduzimos. Com a Geografia aprendi que “é preciso também ser consciente da importância fundamental do trabalho de campo” (Lacoste, 2006, p. 87). Apesar da Geografia sinalizar na direção de uma responsabilidade social enquanto pesquisadores, foi com os ensinamentos de Brandão que eu passei a entender “de fato” o significado deste compromisso para com o “outro”, ou seja, apreender a com-partilhar, a dialogar juntos, a escutar e compreender “um de nós”. Como este despertar foi possível? O que carrego desta trajetória? Como sou e/ou pretendo ser a partir destas experiências vividas e acumuladas? Eis algumas indagações que re-memoro aqui entre imagens e escritos, muitos deles apenas pequenos *flashes* de um viver que guarda toda a intensidade de cada momento e que me remete a forma como Sou, Estou e vislumbro Permanecer no mundo.

**Palavras-chave:** Geografia; Antropologia; vivência; pesquisa.

#### Abstract

The intention of this proposal is to recover memories, re-visit different times, moments of discovery, dives and new places where, as a geographer by training, I settled in Anthropology in an unpretentious way at first, but which over time has become my fulcrum. I found myself involved in hitherto unknown nuances that urged me to delve deeper and deeper into this universe. It was with Professor Carlos Rodrigues Brandão and exploring the world of Anthropology that I came to understand that the essence and

---

\* Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Geografia. Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: [angelafigna@ufu.br](mailto:angelafigna@ufu.br)

---

experience of research lies in the manner that we conduct it. With Geography, I learned that "it is also necessary to be aware of the fundamental importance of fieldwork" (Lacoste, 2006, p. 87). Although Geography points in the direction of social responsibility as researchers, it was with Brandão's lessons that I came to "truthfully" understand the meaning of this commitment to the "other", in other words, to learn to share, to dialog together, to listen and understand "one of us". How was this awakening possible? What do I carry from this journey? How am I and/or how do I intend to be based on these lived and accumulated experiences? These are some of the questions that I am re-memorizing here through images and writings, many of them just little flashes of a life that holds all the intensity of each moment and that reminds me of the way I Am and the way I aspire to Remain in the world.

**Keywords:** Geography; Anthropology; experience; research.

---

## Introdução

Esta é uma proposta de colaboração coletiva que tem a intenção de resgatar memórias, re-visitar tempos outros, momentos de descobertas, mergulhos e novas paragens onde, como geógrafa de formação, assentei-me na Antropologia de uma forma, a princípio despreziosa, mas que foi ao longo dos anos tornando-se meu sustentáculo. Me vi envolvida em nuances, até então desconhecidas, que me instigaram a mergulhar, cada vez mais e de forma mais profunda, neste universo.

O início deste navegar foi quando ingressei no mestrado no Programa de Pós-graduação em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia, em 2009, sob orientação do ilustre professor e amigo Carlos Rodrigues Brandão. A cada disciplina, orientação, reunião coletiva e participação em projetos de pesquisa me via envolta por um movimento de acolhimento e despertares advindos da Antropologia. Foram muitos os achados e descobertas nesta caminhada que culminou em uma pesquisa de mestrado meramente etnográfica. De lá pra cá este mergulho tornou-se cada vez mais intenso e profundo, refletindo nas pesquisas da tese de doutorado e, mais recentemente, como professora/pesquisadora em projetos acadêmicos.

Como este despertar foi possível? O que carrego desta trajetória? Como sou e/ou pretendo ser a partir destas experiências vividas e acumuladas? Eis algumas indagações que re-memoro aqui entre imagens e escritos, muitos deles apenas pequenos *flashes* de um viver que guardam toda a intensidade de cada momento e que me remete a forma como Sou, Estou e vislumbro Permanecer no mundo.

## O encontro

Devo iniciar este contar tendo como referência o ano de 2005 quando eu ainda era uma jovem estudante de graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros - Campus Pirapora. Naquela ocasião um grupo grande de alunos e professores da Unimontes e da UFU, começava a desenvolver um projeto de pesquisa sobre o Rio São Francisco e suas gentes, denominado: “Tempos e Espaços nas Comunidades Rurais no Alto e Médio São Francisco, Minas Gerais: uma pesquisa interdisciplinar sobre permanências e mudanças de modos de vida em comunidades rurais e ribeirinhas”<sup>1</sup>, na oportunidade comecei a participar despretensiosamente das reuniões do grupo e, cada vez mais, fui me inteirando e integrando as atividades. Certo dia cheguei meio receosa ao “centrinho”, local de reuniões e encontros do grupo e logo surge Brandão que prontamente me pergunta: “então você é a Angela Fagna?”. No susto e na falta de reação eu apenas balancei a cabeça gesticulando um sim. Pensei comigo: “como ele sabe meu nome?” “O que eu vou falar pra ele?” Mal sabia eu que, a partir daquele dia, nossos caminhos sempre iam se encontrar e que o gesto com a cabeça foi a melhor resposta que eu deveria ter dado no momento. Segui colaborando com o projeto e pude participar de importantes inserções em comunidades tradicionais nos municípios de Pirapora e Buritizeiro. A cada encontro me encantava com as possibilidades de participar de um projeto coletivo com o objetivo de estudar os modos de vida e trabalho das populações rurais ribeirinhas dos municípios localizados no Alto e Médio São Francisco, em Minas Gerais. Nestes tempos e nestes espaços aprendi, especialmente com Brandão, a pensar a pesquisa em sua coletividade, numa junção de atividades, reflexões e vivências distintas que, ao final, deram a tônica de um grupo coeso e obstinado a contribuir com o debate acadêmico em importantes temáticas de pesquisa relacionadas à Geografia, a Ciências Sociais e áreas afins.

Foi a partir deste encontro e destas vivências que comecei a entender a importância e a responsabilidade em pesquisar, flexibilizar os conceitos e categorias e, o mais importante, dialogar com as distintas áreas do conhecimento. Foram dois anos de muitas experiências, observações e escuta onde sentei-me à mesa para debater, tomar decisões e pensar estratégias de inserção no campo. Enquanto grupo realizamos eventos, oficinas e

---

1 Projeto financiado pelo Edital MCT/CNPq 61/2005 – Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas - Processo: 401205/2006-1 Modalidade: APQ, realizado nos anos de 2005 a 2008.

reuniões que me fizeram pensar sobre a condução da pesquisa. Ao final construímos um relatório denso de pesquisa que agregou reflexões e plantou importantes sementes que futuramente foram aos poucos sendo germinadas como, por exemplo, a publicação do livro “Cerrado, Gerais, Sertão: comunidades tradicionais nos sertões roseanos”<sup>2</sup>.

Com este projeto foi possível conhecer um pouco mais da realidade local dos municípios de Pirapora e Buritizeiro, em especial do mundo rural deste último. Isso me motivou a pesquisar no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, a inserção da monocultura do café irrigado que modificava/modifica a paisagem dos Cerrados mineiros. Nesse período foi extremamente importante a experiência de inserção em campo, a elaboração de roteiros de observação e entrevistas, a confecção de mapas de localização e, mais ainda, as abordagens, adaptações e flexibilidades que a pesquisa demandou. Busquei entender as nuances da pesquisa, que não se restringiu a responder perguntas ou indagações e sim refletir de forma consistente sobre a problemática a ser estudada. Aos poucos fui entendendo e experienciando a vivência antropológica que Brandão tanto dissemina. Foi possível compreender que a pesquisa que se faz é diferente da pesquisa que se propõe estudar. A intensidade da pesquisa me levou a relatar de forma detalhada o acontecer da pesquisa, distinguindo da escrita habitual dos trabalhos de conclusão de curso que costumam apresentar de forma muito breve, quase sempre na introdução, os procedimentos metodológicos da pesquisa. Dediquei um capítulo específico sobre a metodologia, relatando o processo de construção da pesquisa e mostrando os desafios que se impõe a vida de um pesquisador (Souza, 2007, p. 21). De certo, aprendi com Brandão e com a antropologia que a pesquisa se faz no fazer pesquisar. A essência da pesquisa está justamente na forma como a conduzimos. “Os espaços são os mesmos e são outros, mudam. Tal como as sociedades, os territórios têm também a sua história” (Brandão, 1995, p. 171).

Com a Geografia aprendi que “é preciso também ser consciente da importância fundamental do trabalho de campo” (Lacoste, 2006, p. 87). É ele que proporciona a viabilidade e a singularidade de nossas pesquisas, especialmente no tocante a interpretação dos fenômenos em curso. É salutar darmos uma atenção especial a forma como o conduzimos, assim, nos lembra Lacoste (2006, p. 87-88) que “é necessário também que as pesquisas coletivas desemboquem cada qual em uma apresentação dos resultados à

---

2 Verificar referência (Costa; Oliveira, 2012).

população que foi objeto de pesquisa, tanto por razões de eficácia, quanto para se habituar a métodos que permitam transformar a relação pesquisador/pesquisado”. Apesar da Geografia sinalizar na direção de uma responsabilidade social enquanto pesquisadores, foi com os ensinamentos de Brandão que eu passei a entender “de fato” o significado deste compromisso para com o “outro”, ou seja, apreender a com-partilhar, a dialogar juntos, a escutar e compreender “um de nós”.

Seguindo minha trajetória de pesquisa, antes mesmo de finalizar a graduação, em julho de 2007, participei como aluna especial de uma disciplina denominada “Dinâmicas Socioeconômicas: Antropologia das Comunidades Rurais e Ribeirinhas”, ministrada pelos professores Carlos Rodrigues Brandão e João Batista de Oliveira Costa, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS, no campus da Unimontes/Pirapora. A proposta era estudar a cultura das comunidades tradicionais do Norte de Minas em seu contexto teórico além de fomentar pesquisas sobre a realidade das comunidades tradicionais locais.

Durante a disciplina cada aluno deveria propor uma imersão a campo para tratar as questões debatidas em sala de aula e que, posteriormente, seriam sistematizadas e socializadas como trabalho final da disciplina. A turma foi dividida em grupos, cada qual deveria apresentar uma comunidade tradicional para ser pesquisada. Neste contexto, um grupo heterogêneo de graduandos em geografia, letras e ciências sociais propôs analisar uma ilha fluvial do Rio São Francisco, habitada por aproximadamente 23 famílias, distante 22 quilômetros da cidade de Pirapora.

Juntamente com o grupo parti para uma imersão a campo de forma despretensiosa, cada qual com uma proposta. Tivemos o cuidado de fazer análises prévias sobre o local, estabelecer contatos iniciais com alguns moradores, organizar a logística e encontrar um ponto de apoio para nossa estadia durante os dias da pesquisa. Como éramos um grupo de seis pessoas tomamos o cuidado de não interferir bruscamente na rotina diária dos moradores. Respeitamos o tempo do trabalho, do descanso e do lazer. Estabelecemos contato de forma gradual, tentando nos aproximar aos poucos da realidade de cada família. Começava aí uma das minhas experiências mais intensas de pesquisa geotnográfica vivida até então. “Foram três dias intensos de muito aprendizado que me guiaram por uma pesquisa continuada e apaixonante. Minha identificação com o lugar e com as pessoas foi

muito intensa e forte. Ela passou a ser uma relação entre iguais e não apenas um “eu” pesquisadora e um “eles” pesquisados” (Souza, 2011, p. 31).

Foram muitos os momentos de pausa, reflexões e mudanças de estratégias. Ao final do dia nos sentávamos para dialogar sobre as experiências vividas em campo, os relatos obtidos, as curiosidades, as angústias e mais ainda, para compartilhar momentos de reflexão e troca de informações. Neste tempo construímos croquis coletivos, elaboramos roteiros, dividimos grupos para atividades específicas de campo, montamos oficinas e ainda, dividíamos as tarefas domésticas de cada um.

Entre diálogos, preparo do jantar ou silêncios, tudo fluía ao som das calmas águas do rio São Francisco, o canto dos pássaros e as raras vozes dos pescadores noturnos. As minhas impressões, indagações e constatações foram aos poucos sendo rabiscadas em cadernos de campo. Em raros momentos utilizei outros recursos que não fosse o bloco de anotações e a caneta. A câmera fotográfica foi poucas vezes utilizada, apenas uma das integrantes da equipe ficou responsável por fazer os registros e, ao final, as imagens foram socializadas com todos.

Foram dias de pesquisa imersos em uma localidade ao mesmo tempo tão perto e tão longe da minha realidade, buscando estudar os moradores de uma ilha. Apesar da intensidade e da experiência de campo voltei com a sensação de que pouco sabia sobre aquela gente de rio e beira rio. Reuni material, escrevi, refleti, produzi artigos, compartilhei ideias, mas percebi que ainda faltava algo, tinha a sensação de que havia conseguido decifrar pouca coisa daquele lugar coeso, complexo e multifacetado.

Como Brandão, a época era professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFU e já orientava alguns alunos do Norte de Minas Gerais, ele serenamente me perguntou se eu gostaria de desenvolver um projeto de mestrado, mas disse: “*só oriento pesquisas sobre o Rio São Francisco*”. Como o desejo de retornar a Ilha das Pimentas ainda pulsava forte, escrevi o projeto e ingressei no PPGeo/UFU Assim, passei dois anos pesquisando a identidade dos moradores da ilha. Muitas foram as vezes que mergulhei no “mundo” dos moradores buscando entender as formas de trabalho, as relações cotidianas, as lendas, as memórias, a relação com a natureza, as redes de parentescos e compadrio, os festejos. Tive a oportunidade de ouvir relatos memoráveis sobre os períodos de cheias e secas do rio, as grandes enchentes, os alagamentos, as perdas e reconquistas, o sistema de

plântio e colheita, as estratégias de construção das moradias, a pesca, a conexão com a terra firme, os conflitos socioambientais, etc.

Não elaborei apenas uma pesquisa acadêmica, estabeleci vínculos, vivi sensações ímpares e entendi a minha responsabilidade em fazer pesquisa. Isso não se restringiu a escrever algo sobre alguém ou alguma comunidade, perpassou o dever de construir uma pesquisa coletiva, onde aprendi e colaborei com o outro, assim como Brandão sempre nos ensina. Que quando ouvimos somos o espelho de quem conta. “Contando ao outro e dele recebendo em troca, preenche com o fruto da partilha da fala do vazio do sentido, ou porque cabe ao outro, alheio dizer o significado dos silêncios da narrativa” (Brandão, 1995, p. 136).

A forma como traduzi esta vasta experiência foi, de alguma forma, sistematizado na dissertação de mestrado denominada “O tempo das águas: ciclos de vida entre as margens do rio São Francisco, a Ilha das Pimentas – Pirapora/MG”<sup>3</sup> defendida em fevereiro de 2011.

No texto da dissertação tive a preocupação de evidenciar as etapas metodológicas da pesquisa, relatar as intensas experiências de campo e buscar alternativas para apresentar da forma mais clara possível a voz dos entrevistados. Assim, foi necessário a elaboração de um capítulo denominado “caminhos e momentos da pesquisa”, descrevendo o tempo, o espaço e as gentes do lugar pesquisado, além de um outro, sistematizando o viver em ilha a partir de uma sequência de fotografias e falas, denominado “lembranças de um viver entre as águas: memórias e imagens”, construindo um itinerário pelas memórias, imagens e fala das pessoas do lugar. Esta opção foi pautada na construção de um imaginário fotográfico, traçando um “caminho pelas imagens” trilhado a partir do percurso, chegada, estadia e retorno da Ilha das Pimentas. Esta trajetória e estratégia de pesquisa também foi construída graças aos ensinamentos de Brandão. “A presença de um único outro, breve que seja, separa subitamente a **solidão** da **convivência**. Ela abre as portas a tudo o que é social: cria o diálogo, inaugura a troca, estabelece a atualidade do contato, torna possível a vivência do afeto para fora de si mesmo e com a possibilidade da resposta” (Brandão, 1995, p. 133, grifos do autor).

---

3 Verificar referências: (Souza, 2011).

Finalizada a dissertação eu já estava novamente envolta a continuar a trajetória de pesquisa juntamente com Brandão, tinha sido aprovada no doutorado do Programa de Pós-Graduação IG/UFU e os desafios e experiências continuavam. Como afirmei anteriormente a pesquisa é sempre um devir, um vir-a-ser. Assim, outra indagação surgiu: como analisar as comunidades tradicionais do Rio São Francisco? Isto me fez desenvolver o projeto de doutorado que objetivou entender a realidade das gentes Sanfrancescanas, especialmente os povos e comunidades tradicionais do médio curso do rio. O primeiro grande obstáculo já estava posto, dada a longa extensão territorial que a pesquisa abarcava, mais de 600 quilômetros. O segundo, foi pensar uma estratégia de pesquisa capaz de sistematizar um número muito grande de informações. E, ainda, tentar ler uma realidade tão dinâmica e singular de forma integrada, traduzindo esta linguagem a partir da minha leitura geográfica entrecruzada com a Antropologia. De toda sorte repousei na calma e sabedoria que Brandão tanto nos coloca e deixei a pesquisa tomar seu curso.

Foi necessário um apurado exercício metodológico que perpassou essencialmente pela forma como pensei e conduzi a pesquisa. Notei que não era apenas uma questão de decodificar códigos, mas sim dar densidade a pesquisa. Conforme salienta Brandão, independentemente das ferramentas utilizadas o mais significativo é pensar a responsabilidade que a pesquisa nos coloca. Assim, cada etapa foi sistematicamente elaborada, refletida, reconstruída e ressignificada. A cada passo um retorno, um olhar, uma forma de conduzir. A partir destas reflexões elaborei uma pesquisa geoetnográfica, construída a partir das minhas experiências traçadas ao longo deste percurso e sistematizada na tese de doutorado denominada “Ser, estar, permanecer: vínculos territoriais das gentes que povoam as margens e ilhas do Rio São Francisco”<sup>4</sup>, defendida em 2013.

Por acreditar que a pesquisa nunca tem um ponto final, sempre segui participando de projetos de pesquisas coletivos concomitantes a pesquisa do mestrado e doutorado, também relacionados às comunidades tradicionais do Norte de Minas, todos eles coordenados por Brandão, a exemplo do “OPARÁ: tradição, identidades, territorialidades e mudanças entre populações rurais e ribeirinhas no sertão roseano”<sup>5</sup>; “Etno-cartografias” do São Francisco: modos culturais de vida cotidiana, culturas locais e patrimônios culturais

---

4 Verificar referências: (Souza, 2013).

5 Projeto vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, financiado pela Fapemig e CNPq, desenvolvido no período de 2008 a 2010.

em/de comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais”<sup>6</sup> e “Beira Vida, Beira Rio: Cultura, Cultura Popular e Patrimônio Cultural no Alto Médio São Francisco”<sup>7</sup>.

Com estas experiências ampliei o meu olhar sobre as gentes sanfranciscamas e pude participar de publicações coletivas que culminaram em um festivo lançamento na Casa da Cultura em Uberlândia em outubro de 2013, com direito a dança de roda, música de viola, poesias, exposição fotográfica, quitutes, doces e cachaça mineira.

Neste tempo também organizei juntamente com Brandão o tão sonhado livro “Vivem em Ilhas”<sup>8</sup> que reúne artigos sobre os territórios de vida e trabalho em ilhas de rio e de mar, uma grande realização. Seguimos junt@s!

## Os caminhos

Após as citadas experiências de pesquisa como estudante da graduação, mestrado e doutorado, adentrei no universo acadêmico como docente da Universidade Federal de Alagoas e, posteriormente, Universidade Federal de Brasília e Universidade Federal de Uberlândia. Nesta ocasião tenho tido a oportunidade de desenvolver pesquisas de iniciação científica, orientações de graduação e pós-graduação e coordenar o “Gepar - Grupo de Estudo e Pesquisa em Análise Regional”<sup>9</sup> onde continuo adentrando no universo das comunidades tradicionais e suas várias nuances: religiosidades, festas, rituais, modos de vida, identidades, territorialidades, etc.

Constantemente sou acionada a dialogar sobre a pesquisa em ambientes acadêmicos e fora dele. Tenho vivenciado ricas experiências participando de orientações, projetos de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação, eventos, oficinas e minicursos. Tudo isso me fez perceber a necessidade de sempre pautar as pesquisas que desenvolvo em uma leitura sobre “outro” em sua singularidade, diversidade e silêncios. Carrego sempre o grande aprendizado de vida e de pesquisa

---

6 Projeto desenvolvido pela equipe do Grupo Opará - Grupo de estudos e pesquisas sobre o Rio São Francisco, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, financiado pelo CNPq edital – 02/2009, no período de 2009 a 2011.

7 Projeto vinculado ao Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES, financiado pelo Fapemig edital MCT/CNPq 14/2010 - Universal - Faixa C, desenvolvido no período de 2010 a 2012.

8 Verificar referências: (Souza, 2012).

9 Grupo certificado pela instituição em abril de 2014 e conta com a participação de professores/pesquisadores da UFAL- Campus do Sertão e instituições parceiras.

vivenciado por Brandão: busco maneiras de pesquisar “os nossos”. “Como ele mesmo, eu depois aprendi que, uma vez indo, nunca mais se sai de lá, mesmo depois de se haver partido há muito tempo” (Brandão, 1998, p. 18).

Estou sempre aberta aos novos diálogos, buscando reflexões sobre o fazer pesquisa. Assumir tal postura exige usos diferenciados de instrumentos metodológicos, formas de condução, interpretação, descrição e tradução da/na pesquisa, com assento no entendimento da incompletude, da somatória de olhares múltiplos. Para tanto, sempre me pauto no vir-a-ser, naquilo que ainda é possível ser descortinado e, mais ainda, na “nossa” retribuição, pensada com fundamento na “ecologia dos saberes”, na coletividade, na partilha de sentidos e significados que a pesquisa nos impõe como pesquisadores/pesquisados.

Até aqui o que fiz foi relatar um pouco da minha trajetória de aprendizados, reflexões e vivências experienciados a partir do caminhar junto com Brandão, que acredito dizer muito sobre a essência do que Eu sou e/ou do que Eu projeto Ser.

### **Reflexões - O olhar: os outros somos nós**

Quando re-memoro meus encontros com Brandão nada é mais tocante do que os tempos e espaços com-partilhados entre as águas do Rio São Francisco. Foram estas águas e barrancas que nos aproximou e permitiu este navegar lado a lado. Partilhei aqui de momentos muito significativos e marcantes neste remar.

Acompanho o seu curso. Navego em suas paragens. Vida entrelaçada por águas. Águas do São Francisco. Seguimos junt@s travessando por litoral e sertões. Carrego sempre as sábias palavras de Rosa (1986, p. 273), “o Rio São Francisco partiu minha vida em duas partes [...] tudo que já foi, e o começo que vai vir”. Ouso dizer que Brandão também partiu minha vida em duas partes. Que muitas outras águas ainda sejam desbravadas. Seguimos navegando por estas águas! “O rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre” (Rosa, 1972, p.36). Seguimos envoltos pela terceira margem do rio!

Foi com as vivências e os ensinamentos de Brandão e as vastas e intensas experiências vividas durante nossos encontros que senti a necessidade de “retribuir” e agradecer toda a partilha de saberes. Foi pensando na sua irreverência, seu entusiasmo pela

vida, seu olhar múltiplo e a sua simplicidade que elaborei um pequeno poema pois, sempre “se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” – podemos dizer igualmente, ‘cortesias’. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros” (Mauss, 2003, p. 263).

### BRANDÃO

*Ser edificante,  
que se volta para/com a natureza,  
que se ajoelha,  
que contempla,  
que respira, respeita e venera  
Ser para/com os seus  
que é semblante de serenidade,  
que convida a olhares atentos,  
que vibra, exala e pulsa  
Ser de luz e amor sem medida  
Ser... Ser... Ser...*

Angela F. G. Souza – Abr. 2021

**Figura 1** - Faces e momentos de/com Carlos Rodrigues Brandão



Fonte: Arquivo pessoal do autor, fev. 2024.

## Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A partilha da vida**. Taubaté: Editora Cabral, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória-Sertão**. São Paulo: Cone-Sul/UNIUBE, 1998.
- COSTA, João B. de A.; OLIVEIRA, Cláudia L. de (org.). **Cerrado, gerais, sertão** – comunidades tradicionais nos sertões roseanos. São Paulo: Intermeios, 2012. 380p.
- LACOSTE, Ives. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 77-92, 2006.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 184-314.
- ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1972.
- ROSA, Joao Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 33ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SOUZA, Angela Fagna Gomes de. **Espaço geográfico, um híbrido**: a atividade cafeeira e a utilização do meio técnico-científico nos Cerrados de Buritizeiro, MG. 2007. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual de Montes Claros, Unimontes, Pirapora, MG, 2007.
- SOUZA, Angela Fagna Gomes de. **O tempo das águas**: ciclos de vida entre as margens do rio São Francisco, a Ilha das Pimentas – Pirapora, MG. 2011. 182 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, PPG-IG/UFU, Uberlândia, 2011.
- SOUZA; Angela Fagna Gomes de; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Viver em Ilhas**. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- SOUZA, Angela Fagna Gomes de. **Ser, estar, permanecer**: vínculos territoriais das gentes que povoam as margens e ilhas do Rio São Francisco. 2013. 292 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, PPG-IG/UFU, Uberlândia, 2013.

Recebido em 30/11/2023.

Aceito para publicação em 10/01/2024.